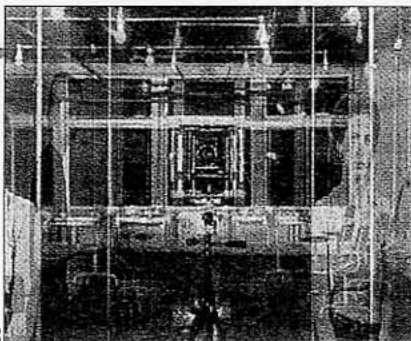


que desde a Antiguidade Grega têm vindo a marcar o discurso crítico sobre as artes plásticas. «O explicadismo explica o que é a arte para que não seja preciso explicar a arte e para que servem as suas definições», acrescenta. Esta exposição deve ser entendida, por isso, como um manifesto. E cada pintura ou desenho (com títulos tão sugestivos como *Eu sou uma pintura e faço pintura, vejam: ou Autoto*) como uma afirmação da independência do autor face a todos os comentadores. Talvez assim se perceba por que razão Pedro Portugal diz que «artisticamente desenvolve pensamento e actuação em defesa de uma arte boa, bonita, libertária e com capacidades revolucionárias». *Galeria Fernando Santos, Lisboa e Porto, até 26 e 29 de Maio, respectivamente*

## José Maçãs de Carvalho Entre fotografia e pintura

O título diz tudo: *Video killed the painting star*. Mas, ao contrário da popular canção dos anos 80 que lamentava o fim das estrelas de rádio, enterradas pelo novo mundo do vídeo, o objectivo não é denunciar o fim de uma geração e o início de outra. Apenas provar que «o vídeo está entre a fotografia e a pintura». Por um lado, conserva a materialidade e a fisicalidade da pintura, por outro, aproxima-se da fotografia pelo formato, cor e facilidade de acesso. No entanto, José Maçãs de Carvalho vai mais longe. Estes 11 vídeos ensaiam uma abordagem iconoclasta de algumas imagens basilares das artes visuais. O artista toma como ponto de partida a ideia de que há



MANUEL GAVTES

cantes e significados. Em contraponto, dois trabalhos integrados nesta exposição revelam a perseguição da imagem perfeita, aquela que possa ser revestida de objectividade e verdade. *Solar – Galeria de Arte Cinemática, Vila do Conde, até 20 de Maio*

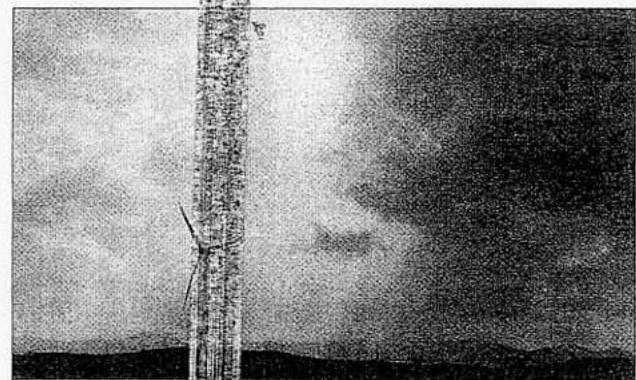
## Susana Anágua Os ciclos da máquina

Nada se perde, tudo se transforma. A máxima de Lavoisier explica o normal funcionamento da Natureza. Nada de extraordinário. Paradoxal é a sua aplicação ao mundo da Técnica e da Ciência, como a obra de Susana Anágua tem vindo a testemunhar. Os vídeos e as fotografias desta jovem artista mostram como os ciclos da Vida – nascimento, desenvolvimento, morte e novo nascimento – também se aplicam, com as devidas adaptações, ao mundo da Máquina. Num

em nós uma «pul-são destruidora da imagem», pelo que pinturas tão famosas como *Le Bar aux Folies-Bergère*, de Manet, vão sendo desmontadas, para no fim ganharem diferentes signifi-

anterior projecto, a sua objectiva captava a construção, em diversas unidades fabris de cimentos, de montanhas e vales artificiais feitos de terra, que num segundo momento eram destruídos e misturados com outros produtos. Nesta exposição, intitulada *Natureza Mecânica, episódio 2: A Desorientação*, Anágua aborda a interferência do caos no normal funcionamento de um campo de moinhos eólicos. A componente tumultuosa dos ventos e das chuvas contrastam com a serenidade das ventoinhas. Noutro registo, uma instalação põe em evidência a fragilidade da bússola, quando a mesma energia que a faz existir, a atracção magnética, é simulada por ímanes artificiais. *Galeria Presença, Porto, até 26 de Maio*

L.R.D



JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS  
25 ABRIL A 8 MAIO 2007  
ANO XXVII, Nº 954